

## MERCOSUL: PERSPECTIVAS DE ENSINO PARA O PRÓXIMO SÉCULO

Fernando Marson\*

**RESUMO:** *O artigo apresenta uma reflexão a respeito da criação do MERCOSUL e suas consequências sócio-político-econômico-educacionais, reduzindo o conceito de internacionalidade e ampliando o de nacionalidade.*

*O projeto MERCOSUL não seria completo se não abrisse espaço para os problemas educacionais da nova realidade. Um projeto que valorizasse a vida da criança-cidadã, abrangendo o moral, emocional, social, intelectual, além do simplesmente econômico, objetivo primeiro da criação do novo complexo de administração econômica da região Sul do Continente Sul Americano. O projeto educacional MERCOSUL deverá incluir uma filosofia de educação segundo a expectativa da sociedade moderna (jovens reflexivos, criativos, críticos, responsáveis, autônomos), ao mesmo tempo em que deve contar com profissionais competentes e atualizados na criação e consecução desses ideais. A garantia do êxito de qualquer projeto educacional, em grande parte, está assegurada pela qualidade de administradores e, principalmente, do corpo de professores.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Mercosul, Projeto educacional, Escola, Cidadão, Globalização, Cotidiano, Profissionalismo.

**ABSTRACT:** *The article presents a reflection concerning the setting up of MERCOSUL and its social-political-economical-educational consequences, reducing the concept of internationality and enlarging the nationality one.*

*The MERCOSUL project would not be thorough if it did not make room for the educational problems of our reality. A project that would value the life of a child citizen, comprising a moral, emotional, social, intellectual aim, besides a simple and pure economical one, for the establishment of a new economic administration complex in the south region on the South American continent. The MERCOSUL educational project will include an educational philosophy to meet the needs of modern society ( thoughtful, creative, critical, responsible and autonomous young men), as well as counting on competent and recycled professionals for the establishment and accomplishment of these ideals. The guarantee for success*

---

\* Prof. Dr. Fernando Marson, professor associado, livre docente em educação, Faculdade de Educação da USP. Prof. Titular, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

*in any educational project, to a great extent, is assured by the quality of the administrators and, especially, by the teaching body.*

**KEY WORDS:** Mercosul, Educational project, School, Citizen, Globalization, Quotidianness, Professionalism.

Precisamos entender, antes de mais nada, que o universo tem que ser visto e compreendido com todas as forças naturais que o controlam, determinando-lhe características específicas.

Assim, diria que ele, hoje, está por aquilo que é, mas que, pela mesma razão de ser, daqui a momentos, estará, embora ligado ao passado, naturalmente diferente. Esta energia que o faz dinâmico na sua existência é que se designa por lei do progresso. Mesmo qualquer corpo considerado momentaneamente em estado de inércia, experimenta inexorável evolução, transformação, assumindo uma forma diferente em suas sucessivas fases de existência.

Diante dele ou nele, o homem vive, agindo e re-agindo, conformando-se a tais forças de transformação, descobrindo/criando novas formas de vida, como busca da satisfação de suas outras necessidades. Os valores ultrapassados requerem mudanças postuladas por outros referenciais (políticos, tecnológicos, sociais), condicionantes de um horizonte diverso de pensar, sentir e agir do homem.

Justifica-se, assim, a criação de expedientes que orientem/ facilitem a transformação dos usos, costumes, formas diferentes de ser, procura de novas verdades, tudo tendo como resposta uma ânsia natural, porém, mais recentemente, até vertiginosa do progresso científico, do avanço dos recursos comunicacionais, de metodologias renovadoras, de tecnologias sofisticadas, de um sistema econômico comprometido com a busca e manutenção do poder, de tal forma que tudo, e de tal maneira compulsória, exige do homem uma postura diferente de orientar seu próprio comportamento, determinado mesmo por valores compatíveis com a natureza das mudanças e das transformações.

O final do século tem apresentado preocupações sistemáticas com a estrutura econômica das nações de todo o mundo.

Observamos que as últimas crises econômicas de potências maiores (Japão, Rússia) chegaram a abalar o mundo inteiro. E o Brasil, ainda que menos poderoso no ranking das nações, foi levado à UTI dos hospitais da economia mundial, face à desvalorização do Real, motivando visitas ilustres do Mercado Comum Europeu e de alguns importantes vizinhos da América Latina, preocupados com o restabelecimento da saúde monetária brasileira, carcomida pelo vírus da desvalorização e da inflação.

Para evitar males piores, a administração pública alterou a legislação tributária, com a expectativa de aumento da arrecadação através de contribuições maiores para suprir lacunas do sistema e restaurar a credibilidade da moeda no mercado internacional.

Argentinos e paraguaios (principalmente) mostraram-se apreensivos devido à alta do dólar e desequilíbrio, com interferências imprevisíveis, no mercado de exportação e importação para e do Brasil.

É que tais países mantêm um bloco de interesses afins com o nosso país, desde 1992, quando da criação do MERCOSUL.

Ora, a união destes países, mediante acordo que atendesse a interesses comuns, teve a orientá-los os expedientes econômicos, sobretudo limitando possibilidades de incursões mais poderosas no mercado consumidor dos países da América Latina.

Consta que uma nova regionalização se traçou na cartografia do sistema econômico sul-americano.

Desde então desencadearam-se inúmeras propostas de coalizão, decorrentes deste neófito mercado comum sul-americano – o MERCOSUL.

Esta iniciativa – a de compor um mercado comum entre países do Cone Sul – gerou necessidades e criou ansiedades significativas:

- 1 – Não seria mais fortalecido o Mercosul, se integrado por outros países da América? Dito doutra forma, por que apenas Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai?
- 2 – A criação de uma nova região geográfica, unificada sobretudo por

poderosos ingredientes econômicos, provocou nos habitantes desses países, um novo conceito de nacionalidade e de cidadania que ultrapassa os limites geográficos de cada país. Há uma redução da internacionalidade e uma ampliação da nacionalidade. O Mercosul e o Mercado Comum Europeu criam, com efeito, uma nova cartografia, sob a égide de um inusitado critério até então desconsiderado na delimitação do espaço territorial de cada país.

- 3 – Desde a sua criação, a região do Mercosul vem se consolidando como um núcleo catalisador de interesses dos países do Cone Sul e cada vez mais se impõe uma nova ordem político-econômica de ampla representatividade, pelo menos no cenário ocidental.
- 4 – A consolidação do Mercosul exige iniciativa de preservação e ampliação de sua força nos mercados americano e europeu.
- 5 – O Mercosul possibilitou relações mais freqüentes entre os povos dos países que o compõem. Nunca o Brasil recebeu tantos argentinos e uruguaios em seu território como tantos brasileiros têm viajado para Paraguai, Argentina, Uruguai e Chile. Novos valores estabelecem-se, norteando o relacionamento entre os povos desses países. Já não mais Uruguai e Argentina são isolados representantes da América Espanhola. Parece até, e digo-o com euforia, que há maior afetividade no relacionamento entre nós. Que bom! Cabe aqui, por questão de oportunidade, a justa iniciativa de ampliação desta nova região, incluindo países da Cordilheira Andina e os países ameríndios de nosso continente. Afinal, em todas as circunstâncias, o humano deve ser preponderante e, assim, um Mercosul mais amplo teria seguramente, uma representatividade sócio-política mais considerável. Quem sabe, no futuro...
- 6 – Consideramos que o fenômeno da globalização não pode restringir-se a um carro-chefe meramente econômico, mas também sócio-político-cultural-artístico-literário-educacional. A articulação destes outros ingredientes menos considerados no Mercosul, sem dúvida, possibilitarão maior homogeneidade na formação de seus novos valores. A força do Mercosul não será tão só da sua economia, mas da articulação(repito) de todos os valores humanos que o farão mais coeso e lhe darão mais dignidade humana. Não é razoável que os povos sul-americanos conheçam

mais de Estado Unidos , Roma e Paris do que a seus próprios vizinhos. Aliás, esta é também uma triste realidade nas relações entre os Estados brasileiros.

- 7 – Das ponderações acima, decorre uma necessidade urgente: É preciso educarmos os povos para assumirem transnacionalmente o Mercosul. Urge fazê-lo mais conhecido, mais estudado, mais representado. A educação é uma vertente inestimável para este processo. Já se sabe que as escolas brasileiras abraçaram o estudo do Espanhol com manifesta boa-vontade e que o Português tem sido falado pela América Latina com mais freqüência.
  
- 8 – Por que não um sistema educacional do/para o Mercosul?  
Um sistema educacional deve sempre ser pensado/criado, considerando a formação do cidadão desde os seus primeiros passos escolares até o ponto em que a autonomia lhe seja concedida como grau maior de sua auto-suficiência: um homem capaz de escolher seu destino, de definir e definir-se, orientando suas escolhas para o fim maior da vida: o aperfeiçoamento constante e a busca da felicidade ao lado dos seus pares, mas também integrado a eles.

## **UM PROJETO EDUCACIONAL**

O homem, sabemos, não nasceu para viver só; rejeita toda sorte de solidão e, por isso, deve ser educado para construir a sua grandeza ao lado de outro, do qual depende para a prática do amor e do progresso social. Aí está a razão maior da sua felicidade.

Isto posto, qualquer sistema educacional deve estruturar-se, buscando a integral formação do homem, entendido como cidadão. A base é uma sociedade organizada para lhe oferecer condições razoáveis de vida, assegurando-lhe constantes possibilidade de acesso aos direitos sociais: da educação, da moradia, da higiene, da saúde, da economia, do lazer, da alimentação...

Qualquer cidadão bem informado sabe que tais direitos nem sempre são priorizados pelo poder público. Um simples balanço das manifestações da mídia indica uma notável ênfase aos aspectos econômicos orientados para a defesa do poder de barganha nas relações de compra e venda, importação e exportação, preservação do valor da moeda, etc.

O crescimento que interessa é o econômico até mesmo com o sacrifício do crescimento humano.

Ainda não tivemos o discernimento e/ou coragem para elegermos a Educação como locomotiva capaz de arrastar o comboio de crianças, adolescentes e universitários na busca da consolidação dos ideais da criatura humana na plenitude de todos os seus bens. Não creio que haja outro caminho que assegure o surgimento de nações menos privilegiadas, ainda dos infelizes que lutam pelo direito da alimentação, da saúde, da educação, da moradia e do trabalho digno.

Por que nos países pobres têm crescido o desemprego, a falta do trabalho qualificado, os crimes, a insegurança e o medo da vida em sociedade.

O contingente de marginais e criminosos cresce descontroladamente e os cárceres não bastam mais para mantê-los isolados do convívio social.

O mal cresce, a fome grassa, a revolta aumenta e o crime ganha proporções ameaçadoras.

O que queremos postular para os países irmãos do Mercosul é que pensem e valorizem mais a Educação, não só voltada para os seus interesses internos, mas ampliando suas metas, assumindo como responsabilidade a formação de uma comunidade fraterna que transcende os limites políticos do regional-nacional.

O povo latino, repetidas vezes, já deu provas de sua sensibilidade, pois tem a favorecê-lo uma acentuada formação cristã. Este é um ponto altamente positivo, um fator de aproximação e que deve ser considerado imprescindível na relação entre os povos, sobretudo do Mercosul.

Queremos também lembrar que os sistemas educacionais vigentes estão distanciados dos valores humanos, mormente morais. Vivemos, sem dúvida, a crise dos velhos modelos de comportamento e tal fato sugere busca de outros paradigmas que correspondam a novas formas de ser do homem,

Queremos um Mercosul não só voltado para o mercado externo, mas orientado para a grandeza do homem, esta grandeza que dinheiro não faz, nem compra, mas que deve/tem que ser objeto de todo o sistema educacional. Ainda que os valores sociais possam alterar-se, mas não se alteram os objetivos mais

elevados da vida humana: a busca do progresso social como lei natural da vida. Tem-se que encontrar um caminho que possibilite à Educação a condição de agir sobre o humano local, o regional e o internacional.

O grande projeto de Educação não é formar o homem do aqui e agora, mas o homem de competência ampla, de visão totalizante: o cidadão global.

Não devo perder o ensejo que o auditório da SBPC me confere para refletir sobre fatos que têm inibido os melhores e mais otimistas projetos educacionais.

Peço licença para lembrar como agem os empresários de visão, quando criam um produto novo e cogitam lançá-lo no mercado de consumo.

Ponto fundamental é que o produto seja de qualidade. Para que isto ocorra, o produtor contrata mão-de-obra qualificada para garantir que, do início do processo à conclusão, tudo seja realizado com a maior confiabilidade possível. Depois, é apenas uma questão de marketing para despertar no consumidor o desejo da compra.

Em Educação, nada é diferente.

Que fazem as melhores escolas da rede privada de ensino?

Organizam-se de modo a vencerem a concorrência com outras escolas públicas ou privadas. O investimento principal é nos recursos humanos, com ênfase no corpo docente, Contratam os melhores profissionais para que, com a melhor retaguarda administrativa e tecnológica, possam “produzir bons cidadãos”, preparados para o mercado da vida, capacitado para conviver com os problemas e conflitos que a sociedade lhe apresenta.

Esta filosofia, lamentavelmente, não é uma opção do sistema de ensino público oficial. Neste, os profissionais da Educação, sobre não serem, em geral, bem preparados nos institutos de formação profissional, não recebem do poder público a atenção devida para que seu trabalho seja confiável. Constatam-se:

- 1 – Falta de estímulo no prosseguimento de seus estudos.
- 2 – Abandono generalizado à formação continuada, de sorte que, mal formado,

o professor, em pouco tempo, perde o pouco de bom que recebeu na sua formação inicial.

- 3 – O sistema de ensino público não oferece ao professor informações claras sobre o Projeto de Ensino no qual está engajado e pelo qual deve responder.
- 4 – Os profissionais, mal remunerados, devem aumentar sua carga de trabalho para sobreviverem com dignidade moral. Assim agindo, o ritmo de trabalho, a dedicação, o preparo de suas atividades, etc., ficam, evidentemente, prejudicados.
- 5 – Talvez por reconhecer as precárias condições de trabalho oferecidas pelo sistema de ensino, o poder público, na pessoa de seus gerenciadores, não se dispõe a exigir dos profissionais da Educação, principalmente dos professores, um trabalho sério, criativo e mais produtivo. A consequência é a repetitividade, a redundância, o desinteresse, a irresponsabilidade e a inércia.  
Não queremos atribuir aos professores a falta de qualidade no ensino público, mas a todo o Sistema Educacional, cujo projeto não tem chegado às unidades escolares com a clareza desejada.
- 6 – Devemos destacar, pela sua importância, a presença do livro didático como instrumento auxiliar do professor. Auxiliar sublinhado, para enfatizar sua estrita função; jamais guindado à condição de substituto do professor. Ocorre, entretanto, que temos constatado a incapacidade de professores no pertinente uso do livro didático, até mesmo no domínio de seu conteúdo. Assim é, pela falta de tempo de preparo das aulas, pelo comodismo que o livro sugere, pois oferece o material da aula “mastigado”, com opções metodológicas definidas no bojo das lições “sugeridas”, o professor acaba assumindo, até de bom grado, as indicações de editoras e órgãos superiores, como um autêntico “vade mecum”, sem o qual a aula se inviabilizaria. Conclusão: professores despersonalizados, escravos do livro didático, nada criativos e cada vez mais atrofiados e incapacitados para aulas reflexivas, criativas e desafiadoras. Mais: aulas previsíveis, alunos desmotivados, ensino de baixa qualidade, apenas destinado àqueles que não gozam do poder econômico suficiente para pagar escolas particulares.



## E AS ESCOLAS?

As escolas acabam sendo uma instância onde o poder se instaura na sua expressão mais negativa. Os menos dotados sócio – economicamente acabam vitimados por não reunirem condições para optar, escolher, buscar educação de melhor qualidade. Isto não é educação democrática porque não permite aos alunos, aos pais, às famílias a liberdade de escolha daquilo que lhes convém.

Os alunos tornam-se obedientes freqüentadores da escola porque não lhes resta outra opção. E isto não é democrático.

O poder político faz-se presente pela omissão e pelo descaso. Apoio econômico, a Educação não o tem, ao menos dentro do mínimo desejável. Não basta Educação no discurso político; não bastam investimentos em salas de aula. É preciso manifestar o poder pelo querer intra muros, transformando as aulas ultrapassadas em laboratórios de aprendizagem, nos quais os alunos aprendem a trabalhar os seus conflitos e as suas ansiedades e sejam orientados para o domínio do mundo em que vivem. Este será o futuro homem-cidadão.

Se assim não for, a escola será um espaço marcado pela globalização da ignorância.

O ensino fundamental brasileiro é um dos mais fracos do mundo, principalmente em escolas de periferia, afastadas dos grandes centros. Crianças de 3ª / 4ª séries sem domínio da leitura e da escrita. Foi alterado o sistema de avaliação e promoção dos alunos, mas não se preparou o professor para esta nova realidade. “Agora, dizem, a aprovação é automática, não pode mais reprovar”. Como se a “nota” fosse a garantia da qualidade do ensino.

A escola torna-se cada vez mais uma instância em que o cotidiano alimenta-se do cotidiano e acaba por esmagar o potencial criativo do ser humano: a racionalidade, a criatividade e o gênio se consomem nas cinzas do mesmismo, de um trabalho endógeno, frustrador e pouco conseqüente.

O objeto de conquista da Educação deve estar na formação do futuro cidadão, com habilidade para a gerência dos seus direitos. Um cidadão que saiba de si e da sua realidade, saiba também administrar as esferas de poder grupal, social, institucional que sugerem, definem/ determinam o seu comportamento.

Não há outro caminho senão atingir tal estágio através do discurso – o discurso lingüístico e o discurso matemático.

A escola deverá ser, então, um espaço onde se fala sobre o que se conhece, se faz o que já se fez, mas também uma oficina na qual se fala sobre e se faz aquilo que não se conhece ainda. É a busca do novo através da pesquisa e da descoberta, condição geradora do conhecimento que conduz o futuro cidadão para o domínio do universo, capaz de ser agente da globalização, jamais um número perdido no caminho dos incapazes.

O conhecimento lingüístico, manifesto no discurso de cada um, enriquecido pelo domínio matemático, possibilita a codificação das infinitas experiências humanas, registro do saber e do poder, binômio indissolúvel na vida do cidadão do amanhã, capaz de responder por projetos pessoais e projetos coletivos, comprometidos com o progresso social, já referido, e com a qualidade da vida humana.

A “alfabetização, considera MACHADO, relativamente aos dois sistemas clássicos de representação da realidade – a língua materna e a matemática condição de possibilidade do conhecimento em todas as áreas; a participação no processo político, incluindo-se o direito de votar e ser votado; a participação na vida econômica, incluindo-se o desempenho de uma atividade produtiva e o pagamento de impostos; e, naturalmente, o conhecimento de todos os direitos a que todo ser humano faz jus pelo simples fato de estar vivo.”<sup>1</sup>

Já não nos damos por satisfeitos credenciarmos – até porque não há outra alternativa – os discursos lingüísticos e lógico-matemáticos como competentes codificadores do conhecimento projetado para a conquista do universo, consagrados como instrumentos primários de produção de conhecimento em suas áreas específicas e suportes básicos para a organização da pesquisa e descoberta, em todas as demais áreas do conhecimento.

Incomoda sobremaneira a resistência da escola à transformação, mesmo entendendo e aceitando que ela é uma sólida retaguarda na preservação de valores culturais que garantem a estabilidade da vida humana.

---

<sup>1</sup> MACHADO, N.J. – *EDUCAÇÃO: Seis propostas para o próximo milênio.*

Mas, “Por volta dos anos 1905-1910, sob pressões variadas (ciência, técnica, transformações sociais), os referenciais saltam uns após os outros. A unidade do ‘bom-senso’ e da ‘razão’ vacila e desmorona”. (LEFEBVRE, 1968, p. 140). Eis aí uma reação inevitável à cotidianidade, mormente no interior das salas de aula.

Há valores cuja conservação convém à manutenção da estrutura social vigente. É a garantia da estabilidade, da ordem e do mínimo desejável para uma vida equilibrada. Jamais, contudo, uma oposição ao novo, baseada na inércia e no conformismo, exemplificados pelas enfadonhas gaivotas de Richard Bach (2), cujo único propósito de vida era a alimentação e o descanso como premissas de sobrevivência.

A cotidianidade apresenta características que restringem o potencial criativo e reflexivo do homem.

A característica dominante da vida cotidiana é a espontaneidade que se pode observar nos discursos esvaziados de significação, na prosa enfadonha que pouco ou nada acrescenta na vida das pessoas. São exemplos desse espontaneísmo as telenovelas, as fotonovelas, os programas de auditórios, a literatura de cordel. Tudo preparado para preencher o vazio da cotidianidade.

A análise em causa não atingiria proporções seriíssimas, não fosse a ampliação da espontaneidade, impedindo ou inibindo a conquista mais elaborada do conhecimento, com bloqueio da formação do pensamento crítico e reflexivo.

Não diria que devêssemos viver uma sociedade plenamente crítica porque tal seria um desastre. Seguramente, existe lugar para o comportamento distenso, quando o recolhimento à intimidade ou à simplicidade abre espaço para uma vida sensível, de poucas cobranças, sem avaliações, sem temores. São os momentos de fuga da realidade muitas vezes necessários ao reequilíbrio de energias físicas e psicológicas que devolveriam ao homem suas totais potencialidades.

A pesquisadora registra perplexa:

De forma explícita, não encontrei, no âmbito da escola estudada, momentos utilizados com exercícios de reflexão, nem percebi em relação à professora resultados aparentes de uma verdadeira reflexão pessoal. Algumas idéias já sistematizadas pelo ideário pedagógico faziam parte de seu discurso, porém, sua prática revelava quanto tais idéias estavam ou mal assimiladas ou pouco trabalhadas vis-a-vis à sua própria prática (PENIN, 1990, p. 171).

Este quadro inquieta o rumo da Educação, exatamente no seu terreno mais fértil, mais propício às reflexões da vida humana, das relações entre as pessoas, da produção do conhecimento e do progresso social.

A ausência do pensamento reflexivo constitui-se numa porta aberta a atitudes de credulidade, de boa-fé, de confiança tão freqüentes no seio da cotidianidade. É aí que se encontram os espaços para as credices as superstições, a aceitação do poder da própria mente, por desconhecimento dela. O cotidiano empobrece as relações interpessoais/grupais/sociais. Amplia as oportunidades para atitudes miméticas, analógicas que dificultam a efervescência do pensamento criativo.

Portanto, embora reconhecendo a existência e respeitando o lugar da espontaneidade, da boa-fé, das analogias e mimeses, somos tomados de sério receio de ver nossas aulas no percurso menos significativo da cotidianidade.

Se nos fosse dado criar um projeto para a Educação nos tempos porvindouros, envidaríamos todos os esforços para inocular no sistema vigente o antídoto do dia-a-dia. Não nos agradam os comportamentos espontaneístas, miméticos, analógicos. Queremos o cidadão consciente, preparado para buscar soluções para os seus conflitos onde e quando surgirem. E esta competência encontra seu embrião na sala de aula, através do intercâmbio integrado da teoria e da prática, de cujas influências recíprocas resulta o crescimento para um futuro cidadão agir fora e distante dos limites formais de sua escola.

Antes que nos escape, e por questão de prudência, queremos ressaltar que o estudo do cotidiano é uma iniciativa que se desencadeia desde o início do século e que teve em Marx seu primeiro analista. Mais recentemente, pontificam LEFEBVRE, KOSIK, HELLER, PENIN, AZANHA, entre outros, que, num esforço sistemático de compreensão dos fenômenos da cotidianidade, estudam suas características e sugerem meios para haurir da prática do dia-a-dia recursos que possibilitam ao homem a compreensão dessa realidade, a partir da qual se permitam projeções reflexivas e criativas, orientadoras do progresso social.

Nosso projeto para a Educação do amanhã deverá, como decorrência das reflexões anteriores, oportunizar a formação de mentes capazes de interferir na cotidianidade e, com base no bom-senso e pertinência, trabalhar as transformações orientadas para um fim a curto e longo prazos, comprometido

com um anseio próprio da natureza humana: o progresso que busca a felicidade, entendendo-se como tal a perfeição do homem.

A formação para a cidadania é primordial porque ela convida os homens para a vida comunitária. Se nenhum ser humano nasceu para viver só, mister se faz educá-lo para o coletivo. Parece ser este discurso já conhecido, cuja teoria, contudo, está a demandar uma sistemática e irrepreensível prática, capaz de reduzir as pungentes diferenças individuais num mundo em que os mais privilegiados não são sensíveis às dores e os sofrimentos dos menos abondados da sorte.

“Educar para a Cidadania deve significar, pois, semear um conjunto de valores universais, que se realizam com o tom e a cor de cada cultura, sem pressupor um relativismo ético radical, francamente inaceitável; deve significar ainda a negociação de uma compreensão adequada dos valores acordados sem o que as mais legítimas bandeiras podem reduzir-se a menos slogans e o remédio pode transformar-se em veneno” (MACHADO, 1968,p.5).

Esta educação para a Cidadania

“visa à formação de cidadãos livres, responsáveis, autônomos e solidários e deve buscar a formação do caráter e da cidadania através do respeito pelos projetos individuais de existência.( Idem, p.4).

O reconhecimento pelos projetos individuais não pode ser o mesmo daqueles que vêm sobrecarregando as prateleiras de bibliotecas, projetos individuais de pesquisas com fins meramente acadêmicos. Projetos pessoais sim, mas orientados para o genérico social.

Em páginas anteriores referimo-nos aos profissionais da Educação para os quais devemos pedir atenção especial a qualquer projeto de ensino. Queremos enfatizar a necessidade de um profissionalismo mais consciente por parte do professor, tal como se vê e se sente no exercício de sua prática docente, reveladora de competência (domínio dos conteúdos, das metodologias, das tecnologias adequadas e dos materiais didáticos específicos), de comprometimento pessoal (a disponibilidade integral para o melhor êxito de sua tarefa e o respeito ao material humano manifesto da vontade constante de fazê-lo crescer, compreender, conhecer) e coletivo (conhecimento e integração do seu a outros projetos coletivos orientados para a formação da cidadania).

Anda muito à moda o professor justificar a inoperância face à falta de apoio do poder público e dos próprios sistemas educacionais. Não lhe negamos razões e diremos até que faz parte do seu profissionalismo a luta pelo progresso da sua categoria. Mas que não seja através dos curtos recursos do amadorismo e do mercenarismo.

O professor, antes de mais nada, deve aceitar que o seu trabalho só poderá atingir o limiar do gratificante na medida em que seja útil àqueles que aspiram, no manancial da sua competência, o ar imprescindível ao seu crescimento e a sua formação homem-cidadão.

A trajetória docente não abre mão da compreensão e do respeito. No primeiro caso, o profissional assume as diferenças e as administra sob a bandeira do humano e o suporte da construtividade e, no segundo, procura aceitar os lapsos, erros e tropeços daqueles que aprendem com a sabedoria necessária para tudo transformar em ponto-de-partida para um novo caminho – o da aprendizagem. É com a compreensão e o respeito que o profissional da Educação identifica o humano e o pratica em todas as suas dimensões.

Para não nos afastarmos do eixo que norteia a realização de projetos para a Educação nos próximos tempos, devemos refletir um pouco a respeito do binômio discurso X ação.

Tantas vezes nos demos conta da dissociação entre do que se fala e o que se faz.

Bem certo é que a verdade do Mestre Maior é tão infalível que não deve distanciar-se dos referenciais que balizam o comportamento dos profissionais da Educação: “Fazer para os outros tudo o que gostaria que os outros lhe fizessem” corresponde a “Fazer para os alunos e para todos os que participam do projeto educativo tudo o que gostaria de receber deles”. É assim que não haverá distonia entre as intenções e atitudes de professores, alunos, diretores e funcionários que trabalham na Educação.

Impõe-se sejam assumidos valores de coerência e afetividade de parte a parte, norteando o processo de formação de pessoas através da confiança mútua e do enriquecimento pessoal a tornar tanto mais quanto possível os homens aptos a assumirem os seus próprios destinos.

Este não é um caminho rígido, de uma só verdade. Por ele pontificam momentos de reflexão, de avaliação, de mudanças possíveis e necessárias, filtradas pela humildade dos que fazem da vontade e do trabalho uma proposta de servir para construir sempre.

Não haverá de faltar uma busca sistemática do equilíbrio entre os que agem e os objetivos a serem atingidos, com a consciência sempre clara de que o educador é responsável pelo alimento indispensável à formação do homem e à saúde da vida.

É por esta razão que a escola e os projetos educativos deve estar sempre voltados para o desenvolvimento pessoal até atingir o ponto desejável pelo referencial que a cidadania venha a exigir.

## **CONCLUSÃO**

Todo o projeto educativo deve estar seguro de que suas propostas giram em torno de três elementos:

### **1 – O FUTURO**

Tudo o que se faz em Educação está voltado para o futuro, sem desprezo dos valores que o passado credencia como importantes/ auxiliares na orientação para os dias de amanhã.

A circunscrição das atividades educativas ao cotidiano dificulta as possíveis antecipações do mundo dos adultos ou da senectude. Viver o presente com todos os seus envolvimento é fundamental, mas com os olhos sempre voltados para o que nos possa reservar o amanhã. Os projetos educacionais devem, assim, oportunizar a reflexão e a criatividade, a formação e a informação, associando prudência e

coragem, honestidade e respeito, humildade e trabalho, motivação e competência, disposição e alegria para servir sempre e com a relevância do crescimento contínuo de todos para desaguar num desejado progresso social que, cada vez mais, deve delimitar atitudes e iniciativas que abram espaços para os que “vivem com”, porém não “convivem” o suficientemente bem para serem felizes.

## 2 – O PROFISSIONAL

O êxito de qualquer projeto, e sobretudo o educativo, depende, essencialmente, da formação e da competência dos que o criam e o executam. Por isso que o preparo e a seleção do material humano merece especial atenção:

- faz-se mister que a formação inicial e continuada do educador/administrador/professor seja voltada para um homem consciente de seu passado, com os pés no presente e os olhos no futuro. Deve cuidar de sua postura moral em relação à vida e ao próximo; deve preocupar-se com a constante atualização de conhecimentos gerais e específicos para refletir os seus passos, fazer melhores opções e oferecer a todos o melhor apoio intelectual e a melhor qualificação do seu trabalho; que suas opções metodológicas sejam feitas permitindo que os aprendizes sejam levados ao domínio de conteúdos e posturas de vida de modo afetivamente positiva e venham a crescer sem rejeições e bloqueios a pessoas e disciplinas que o futuro lhes cobre como mal relacionadas e malquistas; que se inteirem do material didático e tecnológico que o auxilie nos processos de aprendizagem e produção do conhecimento com a devida ciência de que jamais deva submeter-se a eles; que, enfim, saiba ser profissional íntegro, que lute por seus direitos sem prejuízo do direito alheio, principalmente de crianças e adolescentes que, no mais das vezes, não têm poder para escolher os profissionais que os educam. Saiba-se que tudo o que sobrevém como imposição do sistema educativo deve ter a responsabilidade da conquista e não o custo da imposição.

## 3- REALIMENTAÇÃO

Um projeto educativo (como qualquer tipo de projeto) deve ser criado e executado com a sistemática preocupação de avaliações e auto-avaliações como recursos de retro-alimentação que lhe garanta constantes adequações às circunstâncias de tempo, espaço, humanas, políticas, econômicas e outras, sem o que poderá correr o risco de comprometimento no que tange à sua eficácia e a seus objetivos.

Portanto, rever atitudes valores, instrumento didático, metodologias, aspectos redundantes, inócuos em favor de medidas emergentes que se impõem pelas mudanças compreensíveis da vida humana são sempre bem-vindas e altamente gratificantes.



Como se verificou, nossas reflexões não giraram em torno de aspectos específicos sobretudo locais, políticos, sociais, próprios de cada região. Deixamos, por limitações nossas, esta iniciativa sob responsabilidades de educadores que vivem o dia - a - dia de cada uma (região). Move-nos a intenção de sobrelevar as circunstâncias que gostaríamos fossem cogitadas nos planos de ensino e projetos maiores do MERCOSUL, capazes de fazer da Educação única instância cuja valorização fosse mais meritória por parte dos responsáveis pelo destino dos nossos países.

A Economia administra-se com jogo de números; a Saúde e a Educação se fazem com jogos humanos, nos quais as pessoas envolvidas merecem ser respeitadas nas suas condições de vida, com direitos, deveres e vontades próprias. Vigiar e zelar por tais direitos não é um mérito do administrador público, mas um respeito ao contribuinte que, de forma direta ou indireta, faz jus a uma formação equilibrada, competente, comprometida e orientada sempre para o progresso social.

## **BIBLIOGRAFIA**

AZANHA, J. M.P. – *Uma idéia de pesquisa educacional*. S. Paulo: Editora da USP, 1992.

BAKHTIM, M. (VOLOCHINOV) – *Marxismo e filosofia da linguagem*. S. Paulo: Hucitec, 1995.

HELLER, A. – *O cotidiano e a história*. S. Paulo: Paz e Terra, 1970.

LEFEBVRE, H. – *A vida cotidiana no mundo*. S. Paulo: Ática, 1991.

MACHADO, N. J. - *Educação: seis propostas para o próximo milênio*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, Coleção Série Educação para a Cidadania, No. 16. S. Paulo: USP, out., 1998.

PENIN, S. T. de. de – *A aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura*. S. Paulo: Papyrus. 1994.

PONTUSCHKA, N.H.- “O ensino de história e geografia no contexto do Mercosul”. *Novos caminhos da geografia*. S. Paulo: Contexto, 1999.

SCARLATO, F.C. et al. (org.). - *O novo mapa do mundo. Globalização e o espaço latino americano*. S. Paulo: Hucitec, 1 994..

TOURAINÉ, A. – *Prodremos viver juntos?* B. Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1997.

WIENER, N. – *Cibernética e sociedade*. S. Paulo: Cultrix, 1954